

DECLARAÇÃO

Eu, Rosana Alves Simão dos Santos, RG. 2135002, formada em Letras: Português / Inglês pela Faculdade de Filosofia do Vale de São Patrício, com Diploma registrado no MEC e reconhecido pela Portaria Ministerial sob o número 1194 de 30/11/79 declaro para os devidos fins acadêmicos que fiz a revisão de texto da monografia de JONIVALDO CRUZ DE SANTANA, acadêmico do curso de Filosofia da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba – FACER.

Ceres, 31 de novembro de 2004



Rosana Alves Simão dos Santos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. A. *O suspiro dos oprimidos*. São Paulo: Paulinas, 1984. (Coleção Tempo de Libertação).

FEUERBACH, L. *A essência do cristianismo*. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1997.

GAARDER, J. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HEGEL, G. W. F. *Curso de estética: o belo na arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

KIERKEGAARD, S. A. *O desespero humano*. São Paulo: Martin Claret, 2002 (Coleção A Obra Prima de Cada Autor)

NIETZSCHE, F. W. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.


RICOEUR, P. *O mal: um desafio à filosofia e a teologia*. Campinas: Papyrus, 1988.

SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e representação*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

SPINOSA, B. de. *Pensamentos Metafísicos: tratado da correção do intelecto; ética; tratado político; correspondência*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores)

VOLTAIRE, F. M. A. de. *Cartas filosóficas*. São Paulo: Landy, 2001.

Revisado por


Elia Romano do Amaral Mariano
-Bibliotecária - FACER
CRB-1/1528

CONCLUSÃO

Foi possível concluir através da reflexão sobre Deus na obra de Ludwing Feuerbach, em *A Essência do Cristianismo*, e através dela tivemos a oportunidade de constatar que a essência de Deus é o próprio homem, e isto acontece através de seus sentimentos e de sua consciência, ou seja, é o homem quem pensa Deus por meio de seus sentimentos e consciência, é dele, do homem que Deus nasce para ser objeto de adoração por todo o cristianismo. Pois bem, se Deus é Deus, ele é graças aos homens, porque quem faz com que ele seja o que dizem a seu respeito é o homem, e se algo é a sua essência neste caso, será então o homem a própria essência de Deus.

Todas estas idéias a respeito da essência de Deus serão de suma importância para a conscientização do homem em relação à pessoa de Deus, que segundo Feuerbach; é o próprio homem que é o Deus do homem.

Sabendo disto, o homem será um ser capaz de seguir os seus próprios rumos, sem qualquer orientação de religião, ou de qualquer outro meio que venha a fazê-lo a embarçá-lo, tornando-o assim, totalmente livre dos mitos e dogmas, e completamente consciente de si mesmo no mundo em que vive.

Apesar do homem ter toda essa relação de troca de identidade com Deus, ele é o primeiro a não saber dessa relação que acontece entre eles, já que se soubesse, ele se rebelaria contra Deus e diria que ele não existe, e sim ele próprio seria Deus. Para o senso comum isso é um pecado mortal, pois *“pecar é afastar-se do bem”* (KIERKEGAARD, p. 104) e o bem para eles é Deus, já que ele é a essência do homem, o homem tem todo o direito de fazer o que bem entender com sua própria essência. Mas o cristianismo não sabe disto, pois é lá que se concentra o maior número de pessoas do senso comum com toda a sua inocência e falta de consciência daquilo que eles afirmam ser e isto só levará para o aumento de suas próprias ignorâncias, pois *“A cristandade está tão longe de ser aquilo que se diz, e a maior parte dos cristãos carece a tal ponto de espiritualidade que não se pode sequer, no sentido estritamente cristão, considerar a sua vida como pecado”* (Ibid., p. 96).

O que levam os cristãos a agirem assim é a falta de domínio próprio de suas próprias vidas e a falta de confiança em si mesmos. Mas isto é a consequência deles deixarem os dirigentes cristãos fazerem deles o que bem entenderem para os seus próprios interesses, e quem perde com isto são os próprios cristãos, pois aceitando isso eles serão pessoas sem liberdade alguma, porque assim, estarão subordinados aos seus dirigentes e não poderão fazer nada por si próprios. A partir do momento em que eles deixam os outros dominarem as suas vidas, eles perderão o direito de serem eles mesmos e em consequência disto ficarão cegos para se interessar em qualquer forma de esclarecimento que possa acordá-los para a realidade da vida.

A consequência disso é o que vemos atualmente quando olhamos e observamos a maneira com que, os cristãos agem e fazem com sua fé, pois eles obedecem a Deus, mas na prática ninguém vê nada disto. Certamente o que causa isto é a falta de conhecimento de si próprio, pois se se conhecessem, poderiam pelo menos agir falsamente em relação àquilo que dizem ser, poderiam assim dizer que acreditam em Deus e mostrar na prática, de forma que isso venha a ser reconhecido por todos. Se é assim, como poderíamos dizer que Deus é a essência do homem? Isso acontece exatamente em razão do homem por sua confiança em Deus e não nele próprio. Deus é a essência do homem, por ele deixar Deus fazer o que ele diz de Deus por meio dele próprio.

Deus que é o homem, quem consegue isso; verá que “*a fé limita o homem; ela tira a liberdade e capacidade de valorizar devidamente o outro, o que lhe é diverso. A fé é presa em si mesma*” (FEUERBACH, 1997, p. 28). A fé é semelhante a uma pessoa que sempre viveu numa caverna e não tem a mínima pretensão de sair dela, e de lá de dentro ela quer comandar os que estão junto com ela dentro da caverna, e também os que estão fora dela. Quando as pessoas de fé querem interferir na vida dos que não são da fé, aí surge um conflito, pois as pessoas de fé gostam de impor a sua fé para as outras pessoas, que acaba causando sofrimento para elas. Podemos entender que as pessoas de fé citadas aqui são os cristãos que se sentem bem consigo mesmos, tudo porque eles têm a mesma forma de pensar. Por isso formam uma boa companhia entre eles mesmos, por terem os mesmos ideais, os mesmos sentimentos e as mesmas intenções para os não cristãos, que é dizer que eles não são nada enquanto não forem cristãos. Agora eu pergunto: será que eles já perguntaram para os não cristãos o que eles acham deles? A sorte deles seria se eles perguntassem a um alienado a eles porque assim ele responderia que essas coisas são assim mesmo, tudo porque este alienado é também semelhante aos cristãos. Foi neste sentido que Nietzsche (1992, p. 33) falou: “*Toda companhia é má, exceto a companhia dos iguais*”, boas companhias são todas as que têm os mesmos costumes e os mesmos ideais para viverem unidas.

Voltando à essência do homem poderemos dizer que ele não é um ser totalmente livre, pois ele não sabe assumir o que ele próprio é, sem atribuir isto a Deus, porque como disse Hegel (1996, p. 488) “*ora, a essência da liberdade consiste em ser por si mesmo aquilo que se é*”, e se ele não consegue ser o que ele é em sua essência, é porque deixou de ser livre para dar essa liberdade a outro que neste caso é Deus.

Se não tivéssemos pesquisando sobre este tema poderíamos dizer que Deus é um ser livre por si mesmo sem qualquer interferência do homem, isto se for feito com bases no senso comum²; mas como não estamos falando por meio do senso comum: podemos dizer que Deus não é livre para ser o que ele é, o que os homens dizem; de sua sabedoria, do seu poder e soberania, é justamente porque o homem deixa de ser ele mesmo para ser todas essas coisas na pessoa de Deus.

2. Juízo sem reflexão, comumente sentido por toda uma ordem, todo um povo, toda uma nação, ou por todo o gênero humano, ou seja, o modo de pensar da maioria. (referência à aula proferida pelo prof. José João Neves Barbosa Vicente, dia 19-02-2004)

Mas isto acontece, por meio da sua própria essência que é Deus, neste caso: se eu não creio em Deus eu não creio em mim. *“Como poderia eu duvidar do Deus que é a minha essência? Duvidar do meu Deus significa duvidar de mim mesmo”* (FEUERBACH, 1997, p. 62), nesta idéia haverá sempre contradições daqueles que dizem não crerem em Deus; sobretudo dos ateus, pois se eles falarem que não crêem em Deus; eles estarão contradizendo a si mesmos, visto que, se eles disserem isto, é porque eles não crêem em si mesmos, isto poderá significar também, que se eu não creio em Deus, é porque eu não creio em mim. E quem não acredita em Deus é porque não acredita em si mesmo.

Observando estes termos, podemos ver que surgirá questionamento quando se trata da crença do homem em relação a Deus, sobretudo quando fazemos a pergunta: porque será que se eu não crer em Deus eu não creio em mim mesmo? Isto acontece porque Deus é a essência do homem, significa que o que Deus é em todo o seu poder e onisciência é o ser próprio do homem atribuído a Deus, ou seja: Deus é a idéia que o homem tem dele mesmo lançada em direção a Deus. Na verdade essas coisas acontecem *“porque o que é atribuído ao Deus do homem é em verdade atribuído ao próprio homem; o que o homem diz de Deus diz ele em verdade de si mesmo”* (Ibid., p. 70). E quando o homem pensa estar contemplando um ser bom, ele está na verdade contemplando a sua própria essência boa, por meio da sua fé que ele tem em Deus. Isto não é bom, pois a fé não é tudo aquilo de bom que o cristianismo diz ser, pois a fé se opõe ao amor que deseja tudo de bom para os seus semelhantes e nada de ruim que possa prejudicá-los, pois *“foi a fé quem descobriu o inferno, não o amor, não a razão. Para o amor é o inferno um horror, para a razão um absurdo”* (Ibid., p. 296), o cristianismo se apropria do amor só para se disfarçar do mal que ele lança sobre os cristãos.

O amor necessita de paz, união, harmonia, detestando assim, toda espécie de mal existente que possa lhe prejudicar. A fé necessita em primeira mão do inferno, para ser o seu auxiliar e companheiro no processo de evangelização das pessoas, pois, para o cristianismo as pessoas só se aproximam de Deus por meio do sofrimento que o medo do inferno causa nelas. Só depois disto é que a fé conseguirá conquistar tudo aquilo que o amor é em si mesmo, mas sem deixar a idéia do inferno, que é essencial para ela.

É por causa disto que, quando não temos crença nenhuma, a nossa vida é um paraíso, e quando temos, a nossa vida é um inferno, isto porque a nossa vida antes de sermos cristãos é repleta de muita liberdade e amor, uma vida fora da prisão e do sofrimento, claro que isto está valendo para quem atingiu o conhecimento da essência de

Com este exemplo podemos crer que ser cristão é o mesmo que você deixar de ser você mesmo, é você perder a sua própria identidade para dar lugar a outra que não é a sua, é você ser o que qualquer um queira que você seja. Deste modo ser um cristão é o mesmo que ser um alienado e totalmente sem liberdade, já que se uma pessoa não faz o que ela quer é porque ela não está fazendo a sua própria vontade; que significa vida, e se uma pessoa não faz a sua vontade ela se entristecerá e passará a sofrer muito com isto. Mas isto não é problema para o cristianismo, que prega o sofrimento como forma de purificação da alma. Neste sentido Feuerbach (1997, p.106) falou: “*A religião cristã é a religião do sofrimento*”, ela é mais do que sofrimento porque os seus adeptos com toda a sua cegueira insistem em continuar com os seus objetivos de prejudicar qualquer um que atravesse os seus caminhos, por isso eles não “abrem mão” de dois grandes parceiros no processo de evangelização que são: o inferno e os seus demônios que irão auxiliá-lo neste processo.

Os cristãos são apegados ao sofrimento porque eles crêem na vida eterna, por isso, eles não dão valor a esta vida terrena, porque “*quem crê numa vida celestial eterna, para ele esta vida perde o seu valor. Ou antes, já perdeu o seu valor. A crença na vida eterna celestial é exatamente a crença na nulidade e imprestabilidade desta vida. Não posso imaginar para o além sem ansiar por ele, sem olhar para esta vida miserável com um olhar de misericórdia ou de desprezo*” (Ibid., p. 202) quem tem esses anseios, não tem mesmo prazer nesta vida terrena pois desta forma sentirá nojo pelo o que é passageiro; que é a nossa vida. Para ele o céu é algo verdadeiro e a terra é algo falso sem valor algum. E todas estas coisas que o homem pensa e faz, é a sua própria essência que ele diz ser Deus. Com sua essência, o homem é capaz de criar por meio de sua imaginação todos os atributos que ele fala ser de Deus, por meio dele mesmo.

2.2. Deus a Essência do Homem

Aqui acontece o contrário em relação à apresentação anterior, pois nesta: é Deus que faz o homem ser homem. Deus é a essência do homem, o homem atribuirá tudo o que ele é, faz, sente, e o que acontece a ele, seja bom ou ruim a Deus. Neste sentido ele será o todo onipotente e onisciente; que o homem porá sua fé para receber aquilo que ele espera de Deus, através de toda a sua fé e confiança que ele tem nele.

Pelo que vimos até aqui, a pessoa de Deus é o próprio homem, ele não age por si só sem que o homem faça isso por ele. Apesar de estarmos falando da essência de Deus podemos muito bem colocar neste tema o Deus spinosano, para ilustrar melhor estas questões. Spinoza (1983, p. 96) diz que: “*Deus é causa imanente de todas as coisas, e não causa transitiva*”, por causa imanente, podemos entender aquela que não faz nada fora de si mesma, mas que produz efeito em si mesma, e por causa transitiva aquela que produz efeito fora de si. Podemos perceber uma diferença entre o Deus de Spinoza e o de Feuerbach, pois para este último, Deus é o próprio homem, e o Deus do primeiro é um Deus imanente e panteísta que não faz nada fora de si, um Deus que não transcende. Já o Deus de Feuerbach é um Deus que transcende por meio do homem, ou seja, o Deus spinosano é um Deus existente por si só sem interferência do homem e que não interfere em nada também. O Deus de Feuerbach tem interferência do homem, e interfere em todas as coisas que o homem diz ser de autoria de Deus, sendo ele próprio o criador de todos estes comentários que ele atribui a Deus.

São estas formas do homem agir para Deus que fazem o cristianismo ficar de pé, e neste caso o homem é a própria essência do cristianismo, é graças a ele que os cristãos fazem o que querem com o que eles dizem de Deus; do seu poder e sabedoria. Eles fazem com o nome de Deus, de acordo a sua vontade, qualquer coisa que eles imaginarem em suas cabeças. Os cristãos são assim, porque isso passa de geração a geração através dos tempos, fazendo com que eles acostumem à rotina passada para eles através dos pregadores e dirigentes das igrejas cristãs, que passam uma idéia de que Deus é o criador de tudo, que Deus salva, que ele livra o homem do mal, que ele castiga, que ele perdoa, que dá o que você pede. Isso que os homens cristãos falam de Deus é a mesma coisa que fazer de Deus uma marionete, fazendo o que bem entender com ele.

Creio, que os cristãos são tão acostumados a decidirem o que Deus é e o que ele deve fazer, que decidem até mesmo a vida daqueles que eles chamam de irmãos em seus templos cristãos, direcionando o que ele chama de irmão para fazer a sua própria vontade e não a dele; decidindo o que ele é e não é, o que pode e não pode fazer com a sua própria vida, e isso eu chamo de prejudicar o seu semelhante, porque “prejudicar um homem é obrigá-lo a servir já não a sua própria vontade, mas a minha, a agir segundo o meu querer e não o seu” (SCHOPEHAUER, 2001, p. 353).

CAPÍTULO II

2. O HOMEM A ESSÊNCIA DE DEUS E DEUS A ESSÊNCIA DO HOMEM

2.1. O Homem a Essência de Deus

Como poderíamos imaginar o homem sendo a essência de Deus? Podemos dizer aqui, que essência é tudo aquilo que faz determinada coisa ou objeto ser o que é em sua realidade. Por exemplo: a essência da caneta é a sua tinta, e a essência da tinta é a cor que ela tem, o que faz um perfume ser perfume é a essência que contém nele. Pois é nestes aspectos que Feuerbach (1997) trabalha em sua obra; “*A Essência do Cristianismo*” que fala especificamente do homem em relação a Deus, e de Deus em relação ao homem, é a respeito deste último que falarei agora, pois bem; se Deus é Deus, ele é graças aos homens, porque quem o faz ser o que dizem a respeito dele é o homem, e se algo faz uma coisa ser o que é, é porque este algo é a sua essência, que no caso de Deus, será o homem a sua essência, até porque é ele quem faz o processo de imaginação e idéia de Deus, e conseqüentemente a criação de Deus.

De acordo com a obra de Feuerbach (1997., p. 105) desde que o homem é homem, desde quando ele começou a raciocinar ele tem este sentimento de desfazer o que ele é para ser na pessoa de Deus, ou seja, o homem é o seu próprio Deus, mas, ele é o único a não saber disto pois; “*até onde se estende sua essência, até onde se estende o sentimento ilimitado que tens de ti mesmo, até aí serás Deus*”. Isto dá a entender, que o homem é o próprio Deus, que na verdade acaba sendo mesmo. Se olharmos de forma empírica iremos constatar isto com extrema facilidade, para isto bastaria fazer um teste simples; poderíamos pedir para Deus, algo que desejássemos que ele fizesse por nós. Agora só bastaria aguardar a resposta, se ele responder é porque ele é realmente um Deus independente do homem, mas se ele não responder; acontecerá o que sempre aconteceu; será o próprio homem a dar as respostas aos seus próprios pedidos, melhor dizendo será ele que fará aquilo que pediu para Deus, o que é pior; ele ainda dirá que foi Deus quem fez isto para ele. Aqui está uma das provas de falta de conhecimento do homem a respeito de si próprio.

imaginação, essa idéia de dizer que Deus castiga está sendo usada por várias religiões no mundo. Mas contra isto é interessante observarmos o que diz Schopenhauer: (2001, p. 376): *“examinando de perto e no seu espírito, esta necessidade de castigar o mal é particularmente diferente do simples rancor: este procura apenas acalmar o seu próprio sofrimento através do espetáculo de um sofrimento infligido ao outro”*. Devemos crer aqui que o sofrimento causado a outro é um alívio para o meu, é por isso que quando algo nos perturba, logo procuramos achar um meio para aliviar esta perturbação não importa de que forma seja; castigo no caso das crianças ou qualquer outro meio em outro caso, mas o importante é que passamos este sofrimento para o outro para alívio do nosso. Isto é muito interessante para quem causa o sofrimento e muito menos interessante para quem o recebe.

Mas os que pregam nas religiões utilizam esses métodos também, para fazer as pessoas temerem a Deus, fazendo assim com que elas se aproximem de Deus e conseqüentemente das Igrejas.

Estes exemplos servem para mostrar como o homem age por meio da religião pensando estar fazendo o bem, mas de forma completamente errônea, pois apesar de ter sido ele mesmo o criador da religião, está lidando com ela de forma muito infantil. Para que este entendesse melhor o que é religião bastaria saber que ele é a origem dela, é ele quem a faz ser o que ela é. Mas como disse Alves (1984, p. 85) em um trecho do seu livro “O Suspiro dos Oprimidos”:

na religião está em operação aquilo de mais primitivo que existe no homem, o impulso mágico e o impulso lúdico. Ela se estrutura de acordo com um “modelo infantil”. Nasce de uma mente que ainda não se tornou adulta, que ainda não tomou consciência da inevitabilidade da repressão de desejo e do triunfo do princípio da realidade. Por detrás dela está sempre um homem que ainda não se libertou do “Infantilismo psíquico” o religioso é um rebelde, que ainda não se reconciliou com a realidade.

Aqui está o resumo de toda a religião: ela foi criada pelo o homem, para o próprio homem.

A prova mais justa de que a religião só leva o indivíduo a se relacionar consigo mesmo é o amor de Deus pelo homem, neste caso, se Deus ama o homem é porque este disse que Deus o ama primeiro, antes que Deus falasse, já que Deus não fala; tudo que Deus falou foi o homem quem falou por ele, a religião só foi criada e ainda existe até hoje porque a palavra sustenta, as palavras que eu falo aqui são aquelas palavras que fazem as coisas serem, mesmo que não sejam nada. “Quem fala encanta, seduz a quem fala; mas o poder da palavra é o poder da imaginação”. “As palavras possuem poderes revolucionários, palavras dominam a humanidade”. (FEUERBACH, 1997, p. 121)

Por meio da palavra nós nomeamos as coisas, damos ordens, contamos histórias e por meio dela a religião teve continuidade no decorrer da história da humanidade até porque, as palavras não se apagam, porque elas nascem da nossa imaginação, as palavras passam de uma para outra pessoa com muita facilidade através da comunicação que existe entre os homens, é pelas palavras que a religião é anunciada de um continente a outro, foi por ela que a religião expandiu mundialmente por todo o planeta, a religião é hoje uma entidade que não pode ser desprezada pelos homens porque se eles fizerem isto, eles serão desprezados pelos seus seguidores, de forma a ficarem excluídos da sociedade. A religião é fundamentada na superstição a qual quem não servir está condenado à perdição eterna, isso ocorre de forma espontânea pelo homem porque o medo do inferno o obriga a servir a Deus. É nestes aspectos que Feuerbach fala que “o sofrimento é o sumo mandamento do cristianismo – a história do cristianismo é a própria história do sofrimento da humanidade”. (Ibid., p. 105).

Assim podemos entender que os cristãos só servem a Deus por medo da condenação reservada para os desobedientes e injustos e esta doutrina é pregada pelos dirigentes das igrejas cristãs, e se eles fazem isto é porque eles próprios adoram o mal, pois se eles adorassem o bem, poupariam esse sofrimento antecipado aos inocentes cristãos. Essa doutrina encaixa muito bem no pensamento de Ricoeur (1988, p. 24) quando ele diz: “em verdade, fazer mal é sempre de modo direto e indireto, prejudicar outrem, logo é fazê-lo sofrer; na sua estrutura racional – dialógica – o mal cometido por um encontra sua réplica no mal sofrido por outro” e ainda: “todo mal cometido por um ser humano é um mal sofrido por outro. Fazer mal é fazer sofrer alguém”. (Ibid., p. 25).

Todo este sintoma de achar que o sofrimento é importante para a entrega do homem a Deus foi criado pela própria consciência do homem com a ajuda de sua

A religião também nasce do amor que o homem tem por ele mesmo, pois, “*o amor transforma o homem em Deus e Deus no homem*”. (FEUERBACH, 1997, p. 90) Assim, a religião é a relação do homem consigo mesmo; porque todo o poder que o homem pensa da religião é o poder retirado dele próprio através da sua consciência e dos seus sentimentos que é elevado até Deus, depois deste processo feito os homens o adoram afirmando que todo o poder e toda a glória pertencem somente a Deus, nele devemos crer e pôr toda a nossa fé de corpo e alma. Aqui encontramos uma contradição do homem em relação à adoração a Deus, porque se o homem é o seu próprio Deus por que ele tem que adorar um Deus criado por ele mesmo? Na verdade o homem deve estar certo neste processo de adoração até porque ele não entende deste processo criado por ele mesmo, mas basta observarmos empiricamente nos adoradores cristãos que veremos isto acontecer com muita clareza; quando eles fazem um agradecimento de algo recebido por Deus, eles dizem: como todos podem ver recebemos a ajuda de fulano e fulano, trabalhamos e recebemos o que pedimos a Deus, isso significa; que o que Deus dá ao homem é o que o próprio homem dá para si mesmo, porém, ele atribui isto a Deus.

É por isso que Feuerbach (Ibid, p.168) diz: “*a fé é um estado do coração no qual atribuímos tudo de bom a Deus*”. Através do amor o homem se lança em orações fazendo petições a Deus daquilo que ele mais necessita que é a sua própria carência de amor, aliás um dos esteios da religião é a oração, ela é sua maior essência, pois é com ela que o homem se relaciona com a religião e conseqüentemente com Deus. A oração aqui serve de ponte para passagem da fé do homem para Deus. Na verdade a oração é uma relação do homem com o seu próprio coração, é uma intimidade com ele mesmo, se olharmos por esse lado a oração não influencia em nada a relação do homem com Deus, como disse Voltaire (apud GAARDEN, 2000, p. 233)

Há um Deus, acredita Voltaire, porém o dogma religioso e os conceitos de Deus são Idéias humanas. A cegueira e a ignorância levam os homens a perseguir e a matar uns aos outros em nome da religião. Igualmente tola é a idéia de que podemos influenciar a Deus e o curso dos acontecimentos mundiais valendo-nos da oração. O mundo é controlado por leis imutáveis.

Isso nos faz perceber o quanto estamos longe do Deus no qual cremos, através da nossa própria intimidade que temos com a nossa relação conosco mesmo.

Isto acontece, porque segundo Feuerbach (1997, p. 158) explica em seu livro “A Essência do Cristianismo” que; “*primeiramente o homem criou Deus, sem saber e querer, conforme a sua imagem e só depois este Deus cria o homem, sabendo e querendo conforme a sua imagem*”. Pode-se perceber neste momento a criação do homem e de Deus, pois o homem primeiramente cria Deus, somente muito depois ele diz que foi Deus quem criou todas as coisas que existem no mundo. Falam que Deus fez o homem a sua imagem e semelhança, na verdade o homem já existia provavelmente porque se foi o homem quem criou a idéia de Deus como explicar a criação do homem? Há um ditado de (Xenófanes)¹ que diz: “*se houvesse escultores entre os leões, dariam aos deuses a forma leonina*”. Esta opinião de Xenófanes lembra a expressão francesa: “*Se Deus criou o homem a sua imagem, o homem fez o mesmo e criou Deus a imagem humana*” (HEGEL, 1996, p. 481). Se todo o processo da criação de Deus e do homem for realmente desta maneira, toda a onipotência e onisciência de Deus deve ser atribuída ao homem, porque isso não passa de idéias do próprio homem. Onipotência tem o significado daquele que tem o poder ilimitado, todo poderoso; o Deus supremo e onisciência significa aquele que tem o saber ilimitado; que sabe tudo. Se todo o poder e toda sabedoria de Deus foi o homem quem atribuiu a Deus, então toda a onipotência e onisciência pertence ao homem. Cabe falar ainda que isso tudo faz parte do dogma da religião, mas sabendo que tudo foi idéia do homem, a criação da religião teve início no homem:

O homem se separa de si mesmo na religião, mas somente para voltar sempre ao mesmo ponto “*de onde saiu*”. (FEUERBACH, 1997, p. 221)

O homem é o início da religião, o homem é o meio da religião, o homem é o fim da religião. (Ibid. p. 90)

Para que o homem possa encontrar a religião é necessário que ele esqueça dele e vá de encontro a ela, para que isto aconteça é preciso que haja sacrifício da parte dele, até porque ele deve abrir mão dele mesmo, fazendo isto ele volta para si novamente, que foi de onde ele saiu. O homem é a origem, o auge e o fim da religião, é nele que ela nasce, é nele que ela morre e para isto basta ele querer, pois a religião depende do homem para que ela exista.

¹ Pensador pré-socrático (cerca de 570-573) a.C.

Quanto mais nós, seres humanos, sentirmo-nos tristes e acharmos que essa vida não tem valor algum, maior será a nossa confiança em Deus; pois é da falta e da necessidade daquilo que queremos que vem a busca. Sempre quando estamos nos sentindo fracos, procuramos encontrar um meio para ficarmos fortes, mas esta força encontramos dentro de nós mesmos, por meio daquilo que pensamos ser Deus e essa ajuda encontrada nós atribuímos a Deus, porque quando encontramos a ajuda de Deus é porque encontramos a nossa própria ajuda, a fé que eu tenho em Deus é a fé que tenho em mim mesmo, pois, *“quanto mais vazia for a vida, tanto mais rico, mais concreto será o Deus”* (FEUERBACH, 1997, p. 116)

Deus nasce do sentimento de uma privação; aquilo de que o homem se sente privado (seja esta uma privação determinada, consciente ou inconsciente) é para ele Deus. Assim o desesperado sentimento do vazio e da solidão necessita de um Deus no qual exista sociedade, uma união de seres que se amam intimamente. (Ibid., p. 110)

A privação e o sentimento dito neste pensamento é que faz o homem procurar Deus, e conseqüentemente criá-lo através de sua imaginação.

Neste caso é através da sua consciência que ele se sente privado e carente de afeto, e quanto mais sensível ele estiver, mais ele procurará um Deus para preencher esta falta, pois a consciência que ele tem de Deus é a sua consciência, o homem é um ser incapaz de viver sozinho e devido a isso ele procura ter uma vida de comunhão com Deus e seus semelhantes porque se ele viver bem com os seus semelhantes ele viverá bem com Deus e se ele viver bem com Deus ele viverá bem também com os seus semelhantes e se viver bem com ambos ele viverá bem com ele mesmo. O homem é um ser que precisa confiar primeiramente nos outros para depois confiar em si mesmo e é desta forma que ele acredita em Deus, o que ele pensa de Deus é o que ele mesmo é, somente depois que ele atribui o que ele é a Deus, é que ele vai confiar e ter fé nele mesmo. Isso significa que para ele crer nele mesmo, primeiramente ele deve crer em Deus, assim, deve ir até Deus e atribuir tudo o que ele é a Deus. Feito isto, ele volta para si e afirma ter sido Deus o responsável por aquilo que aconteceu com ele segundo ele pretendia. Desta maneira, Deus se desfaz de sua divindade para se divinizar no homem, pois se isto não acontecer o homem também não terá fé nele próprio, porque é através da disvinização de Deus que o homem consegue acreditar nele mesmo. Melhor dizendo: o homem acredita nele mesmo quando ele não coloca a sua fé em Deus.

CAPÍTULO I

1. A RELIGIÃO COMO SENTIMENTO E CONSCIÊNCIA DO HOMEM

A religião é uma espécie de reflexo vinda do próprio homem, é deste que ela nasce, ela é a expressão direta dos nossos sentimentos e da nossa consciência. Tudo o que a religião fala seja lá o que for, de Deus, de fé, milagre ou salvação; ela está falando da nossa consciência e dos nossos sentimentos que são frutos da nossa imaginação. Este é o segredo da religião: Tudo o que se fala dela, tudo o que ela é, é porque o homem a fez de acordo com os seus moldes. Como disse Feuerbach (1997, p. 56): “Deus é a intimidade revelada, o pronunciamento do eu do homem; A religião é uma revelação solene das preciosidades ocultas do homem, a confissão dos seus mais íntimos pensamentos, a manifestação pública dos seus segredos de amor.”

Isto nos mostra que tudo o que se fala na religião em relação a Deus, foi o próprio homem quem criou através dos seus sentimentos, e da sua consciência, pois, dos sentimentos nascem tudo aquilo que o homem tem falta, neste caso um saber superior que venha a suprir os seus desejos, sendo estes que fazem nascer a própria religião, pois é através deles que o homem consegue tirar proveito de tudo o que ele pretende em relação ao seu Deus com suas adorações e fé que o levam a crer em algo sobrenatural. Da consciência o homem tira tudo o que ele pensa, e é capaz de fazer tudo o que ele é em relação aos outros e afirma ser Deus o causador dessas coisas ao invés de dizer que ele próprio causa os acontecimentos, ou seja, *“a consciência que o homem tem de Deus é a consciência de si mesmo, o conhecimento de Deus o conhecimento de si mesmo. Pelo Deus conheces o homem e vice-versa, pelo homem conheces o seu Deus; ambos são a mesma coisa”*.(Ibid., p. 55) Aqui encontramos a essência da religião que é para Feuerbach o próprio homem; foi dele que nasceu todas as religiões, e todos os deuses dos quais se falam e que o homem tanto adora, inclusive o Deus dos cristãos, e por meio dessas informações podemos constatar que o cristianismo só existe porque o homem é sua essência, ou melhor dizendo *“o homem é o Deus do cristianismo”* (Ibid., p. 56)

INTRODUÇÃO

Através deste tema, será falado resumidamente; sobre a essência do cristianismo que irá caracterizar o homem como sendo o criador da religião e conseqüentemente do próprio Deus, iremos saber também; que é o próprio homem que pensa Deus, e para isto serão tomados como referência os conceitos de Ludwig Feuerbach, em sua obra “A Essência do Cristianismo” por meio dela saberemos que o homem é o seu próprio Deus.

Assim, esta pesquisa será abordada como referencial de orientação do homem em todos os campos que dizem respeito à essência de Deus e à religião tornando possível a indagação ou a investigação. Servindo como instrumento capaz de libertar o homem dos preconceitos e libertá-lo para a verdade, que neste caso será bastante útil a ele. Pois afinal só através do uso da razão o homem é capaz de tornar-se livre.

Este trabalho será demonstrado de maneira simples; em dois capítulos: no primeiro capítulo, analisaremos a religião como sentimento e consciência do homem, no segundo capítulo, veremos como o homem é a essência de Deus e Deus a essência do homem.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	.05
CAPÍTULO I	
1. A RELIGIÃO COMO <u>SENTIMENTO</u> E CONSCIÊNCIA DO HOMEM.....	.06
CAPÍTULO II	
2. O HOMEM A ESSÊNCIA DE DEUS E DEUS A ESSÊNCIA DO HOMEM.....	.12
2.1. O Homem: a Essência de Deus.....	.12
2.2. Deus: a Essência do Homem.....	.14
CONCLUSÃO.....	.18
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	19

Agradeço primeiramente a mim mesmo, por toda a minha persistência em obter um curso superior, apesar de passar por várias dificuldades eu não desistir, e aqui estou terminando o curso de filosofia; graças a todos que me ajudaram. Agradeço também ao meu orientador Sandro Henrique que foi essencial para a realização deste trabalho.


Dedico esta pesquisa, a todos que venham a se interessar por ela e a todos os professores do curso de filosofia da Facer: José João, Paulo Henrique, Lorenzo Lago, Rogério Jacinto, Sandro Henrique, Helena de Fátima, José Geraldo e tantos outros, que contribuíram muito para que eu chegasse até aqui.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

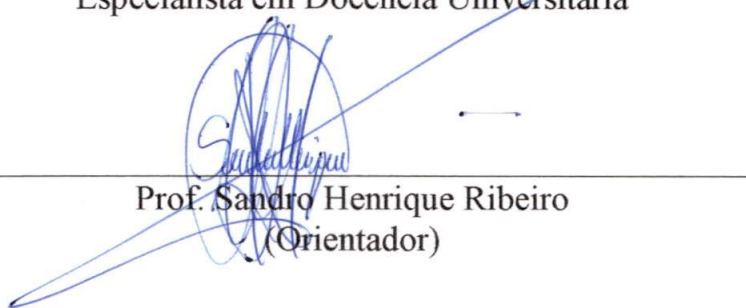
Examinada em 07 / 12 / 2004



Prof. José João Neves Barbosa Vicente
Mestre em Filosofia Política



Prof. Rogério Vieira Jacinto
Especialista em Docência Universitária



Prof. Sandro Henrique Ribeiro
(Orientador)

NOTA: **95**

RUBIATABA
GOIÁS – BRASIL

2004

FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA



JONIVALDO CRUZ DE SANTANA

Pesquisa apresentada à Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba – FACER, como parte das exigências para conclusão do curso de filosofia e obtenção do título de licenciatura plena, sob a orientação do professor Sandro Henrique.

Tombo n°.....
Classif.:
Ex.:
.....
.....
.....
.....
Origem:
Data:.....

RUBIATABA – GO

2004

FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA



A ESSÊNCIA DO CRISTIANISMO EM FEUERBACH

JONIVALDO CRUZ DE SANTANA

RUBIATABA – GO

2004

4980

30685
Soerw

Tombo n°	9452
Classif.:
Ex.:	1
.....
.....
Origem:	d
Data:	19-02-05